

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA, DE EÇA DE QUEIRÓS: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA E LITERÁRIA

Camila Ferreira de Carvalho (Mestranda em Cinema e Narrativas Sociais pela UFS)

Ray da Silva Santos (Mestrando em Cinema pela UFS)

RESUMO

Nosso trabalho analisou os traços do Realismo que se fazem presentes na obra de Eça de Queirós, bem como, os recursos estilísticos utilizados pelo autor para descrever os elementos de sua narrativa com riqueza de detalhes. Para tanto, iremos nos debruçar sob o conto *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, publicado originalmente em 1874, por trazer à tona questões sociais, como o conflito familiar e o fim de um relacionamento, decorrente de um comportamento inapropriado por parte da moça. Após uma breve discussão teórica a respeito do Realismo e das figuras de linguagem e análise qualitativa dos dados, entendemos que a obra apresenta uma linguagem acessível, apesar de ser ao mento tempo culta, e alguns recursos linguísticos que fazem com que o leitor assista mentalmente cada acontecimento narrado, como os adjetivos e as figuras de linguagens. Além disso, mesmo o Realismo surgindo com o intuito de quebrar, de certa forma, a subjetividade presente nas obras romancistas, a sua escrita consegue atingir os mais profundo íntimo do leitor, por tratar de temas que estão de forma direta e indireta no dia-a-dia do sujeito.

Palavras-chave: Literatura. Linguística. Realismo. Figuras de Linguagem. Eça de Queirós.

ABSTRACT

Our work analyzed the features of Realism that are present in the work of Eça de Queirós, as well as the stylistic resources used by the author to describe the elements of his narrative with rich detail. To do so, we will look at the *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, originally published in 1874, for bringing up social issues such as family conflict and the end of a relationship arising from inappropriate behavior on the part of the girl. After a brief theoretical discussion about Realism and the figures of language and qualitative analysis of the data, we understand that the work presents an accessible language, despite being cultured time, and some linguistic resources that make the reader mentally watch each narrated event, such as adjectives and figures of languages. Moreover, even Realism appearing with the intention of breaking, in a certain way, the subjectivity present in the novelist works, his writing manages to reach the deepest intimate of the reader, for dealing with themes that are directly and indirectly in the day- to-day relationship of the subject.

Keywords: Literature. Linguistics. Realism. Language Figures. Eça of Queirós.

O REALISMO-NATURALISMO DE EÇA DE QUEIRÓS

Ao falar em Realismo português, é inevitável lembrar de José Maria Eça de Queirós (1845-1900), (re) conhecido por suas diversas obras realistas. Entre essas se encontram *O Crime do Padre Amaro*, *Os Maias*, *O Primo Basílio* e *Singularidades de uma Rapariga Loura*. Abdala e Paschoalin (1982) explicam que a obra de Eça de Queirós é a que mais representa as tensões ideológicas do Realismo em Portugal, sendo assim a mais importante do ponto de vista artístico.

Segundo Moisés (2008), a rica produção literária de Eça de Queirós pode ser organizada em três fases. A primeira – e menos importante, do ponto de vista literário – inicia com a publicação de artigos e crônicas na *Gazeta de Portugal* entre os anos de 1866 e 1875 e finaliza com a divulgação de *O Crime do Padre Amaro*, em 1875. A segunda fase surge com a chegada das edições revisadas da obra divulgada na fase anterior, estendendo-se até a publicação de “*Os Maias*”, em 1888. E a terceira fase “corresponde aos anos seguintes à publicação de *Os Maias* (1888) até à morte do escritor (1900)” (MOISÉS, 2008, p. 266).

De acordo com Vecchi et al. (1994), atitude “realista” sempre existiu na história das artes, mas tal atitude só se transformou no movimento artístico denominado Realismo quando “se tornou um programa estético, conscientemente embasado em postulados científicos e filosóficos” (VECHI et al., 1994, p. 97). Foi a partir do surgimento do Realismo como movimento literário que a realidade começou a ser transcrita nos livros. Para Moisés (2008), como consequência desse momento a obra literária passou a ser vista como utensílio, arma de combate, de reforma e ação social, servindo para ajudar a solucionar os problemas humanos.

O Realismo deu origem ao Naturalismo, portanto, são tendências que possuem semelhanças e diferenças entre si. Pode-se dizer que o Naturalismo é “metamorfose avançada da estética realista” (MOISÉS, 2008, p. 227). O referido autor destaca que o romance naturalista inicia onde para o realista, conseguindo ir mais além. Enquanto o Realismo não invade completamente a intimidade da sociedade, agindo com certo pudor, o Naturalismo atreve-se a mostrar o que está escondido, com o intuito de observar os caprichos da sociedade, como o adultério. Sobre o Naturalismo, Abdala e Paschoalin (1982,

p. 103) acrescentam que todos os detalhes devem ser vistos, e o artista deve ser neutro, impassível, objetivo. A neutralidade, entretanto, não existe, e os artistas aparecem, de forma explícita ou implícita, como defensores dos valores ideológicos de sua época.

Em *Singularidades de uma Rapariga Loura*, Eça utiliza diversas abordagens que comprovam que se trata de uma obra realista. Uma delas é o fato de Macário não aceitar Luísa como esposa – mesmo tendo tanto sentimento pela moça –, depois de descobrir que a mesma furtou um anel valioso da joalheria. Esses e outros aspectos presentes na referida obra serão abordados mais detalhadamente no decorrer deste trabalho.

AS FIGURAS DE LINGUAGEM E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

A partir do momento em que o autor se sente livre para atribuir novos significados às palavras, pode haver um distanciamento do que é considerado norma. Monteiro (2009) afirma que Gramática e Estilística costumam ser opostas. É certo que as regras pertencem à Gramática e dizem respeito ao que se chama de norma, ao contrário da Estilística, que desvia tais regras e sempre é inesperada. Um forte exemplo desse caráter inusitado são as figuras de linguagem, que possuem intenções estéticas a fim de expressar pensamentos e sensações do autor.

A esse respeito, Garcia (2011) destaca a importância das figuras de linguagem para a construção de um estilo rico e cativante. A mesma autora ainda vem afirmar que um sujeito que usa bem seu idioma, além de não cometer erros de coesão, coerência, sintaxe, ortografia e prosódia, também faz uso dos recursos estilísticos que irão enriquecer a sua comunicação. A quebra das regras gramaticais faz com que a criatividade seja manifestada. Monteiro (2009) pensa que junto a essa manifestação vem o estranhamento, o prazer estético e os diversos significados.

Sobre as figuras de linguagem, Rocha Lima (2013, p. 596) cita que “são recursos naturais da linguagem, que os escritores aproveitam para comunicar ao estilo vivacidade e beleza”. Na análise estilística, esses recursos devem ser notados e avaliados na obra literária. Monteiro (2009) afirma que é preciso identificar e reconhecer o potencial significativo das figuras de linguagem dentro do texto. A interpretação dos aspectos conotativos é essencial,

assim o indivíduo conseguirá relacionar a obra com suas experiências de vida, tendo uma interpretação ampla e única, não apenas a memorização das palavras.

Contudo, Monteiro (2009) revela que é preciso estar atento aos traços expressivos, pois só pode ser considerada figura de linguagem o que se afasta da norma e enriquece o texto com novos significados. No caso da elipse, por exemplo, é importante notar se a omissão do termo traz rendimento estético ou se está presente em um discurso denotativo. Nesse viés, Sílvia Elia apud Carvalho (S.d, p. 2) afirma que “[...] a tensão entre o espírito criador e as normas gramaticais é o que explica o fenômeno do estilo, na sua gênese mais profunda”.

Segundo Rocha Lima (2013), as figuras de linguagem (os tropos) dividem-se em três categorias: de palavras, de construção e de pensamento. As figuras de palavras subdividem-se em metáfora e metonímia, cada uma possuindo variedades. Ademais, o mesmo autor explica que as figuras de construção se classificam por omissão, excesso, transposição, discordância e por repetições. Por fim, as figuras de pensamento, abrangendo a antítese, paradoxo, clímax, preterição, antífrase eufemismo e alusão.

A seguir será possível acompanhar a definição de algumas figuras de linguagem na visão de dois gramáticos: Rocha Lima (2013) e Ernani Terra (2011).

TABELA 01: Figuras de Linguagem

Figuras de linguagem	Rocha Lima	Ernani Terra
Metáfora	“Consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é só sua, em virtude de uma comparação implícita” (p. 598).	“Consiste numa alteração de significado baseada em traços de similaridade entre dois conceitos. Geralmente, uma palavra que designa uma coisa passa a designar outra, por haver entre elas traços de semelhança” (p. 335).

Metonímia	“Baseado numa relação de contiguidade, origina-se este tropo das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência” (p. 603).	“Como a metáfora, consiste numa transposição de significado, isto é, uma palavra que usualmente designa uma coisa passa a designar outra” (p. 336).
Hipérbole	“É a figura do exagero: tem por fundamento a paixão, que leva o escritor a deformar a realidade, glorificando-a ou amesquinhando-a segundo o seu particular modo de sentir” (p. 600).	“Consiste em exagerar uma ideia com finalidade enfática” (p. 335).
Anáfora	“É a repetição da mesma palavra no começo de cada um dos membros da frase” (p. 611).	“Consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos ou frases” (p. 334).
Pleonasmo	“Pleonasmo é o emprego de palavras desnecessárias ao sentido” (p. 608).	“Consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem” (p. 333).
Antítese	“É a contraposição de uma palavra ou frase a outra significação oposta” (p. 613).	“Consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõe pelo sentido” (p. 334).
Eufemismo	“É meio pelo qual se evita uma palavra ou expressão molesta, odiosa ou triste, substituindo-a por outra palavra ou expressão menos desagradável” (p. 615).	“Consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, consiste em ‘suavizar’ alguma asserção desagradável” (p. 334).

Elipse	“[...] é a omissão de termos que facilmente se podem subentender” (p. 606).	“Consiste na omissão intencional de um termo facilmente identificável pelo contexto” (p. 332).
Paradoxo	“É a reunião de ideias contraditórias num só pensamento, o que nos leva a enunciar uma verdade com aparência de mentira” (p. 613)	“Damos o nome de paradoxo (ou oximoro) à expressão antitética em que os termos opostos pelo sentido se fundem numa expressão pelo menos aparentemente contraditória” (p. 334).
Zeugma	“É a omissão de termo anteriormente expresso, que se subentende com outra flexão” (p. 607).	“Consiste na omissão de um termo que já apareceu antes” (p. 332).
Personificação	“[...] a atribuição a seres inanimados de ações, qualidades, ou sentimentos próprios do homem” (p. 600).	“Consiste em atribuir a seres inanimados predicados que são próprios de seres animados” (p. 335).

FONTE: Construída a partir das gramáticas de Rocha Lima (2013) e Ernani Terra (2011).

Analisando a tabela acima, nota-se que os dois gramáticos definem as figuras de linguagem de forma aproximada, apesar de utilizarem diferentes palavras para se expressar. Ao observar as duas definições de metáfora – figura de linguagem muito utilizada pelos autores literários – nota-se que tal figura irá trazer uma comparação implícita, sem a utilização do termo comparativo “como”. A antítese irá admitir a presença de termos opostos, o que irá provocar contradição. Ou seja, são recursos estilísticos que permitem ao

escritor recriar a realidade por intermédio da figuração da linguagem, podendo viajar nos seus pensamentos e produzir sem se preocupar com as regras fixas.

É sabido que Rocha Lima traz uma definição simples sobre o paradoxo, ao citar que essa figura se refere às ideias contraditórias em um mesmo pensamento, o que torna uma informação verdadeira com aparência de mentira. No entanto, as palavras de Ernani sobre essa mesma figura de linguagem também são de fácil entendimento. Esse mesmo autor define o paradoxo como “[...] uma expressão antitética” (ROCHA LIMA, 2013, p. 334), revelando que se trata de uma antítese mais ousada, já que apresenta termos não apenas opostos, mas contraditórios.

As figuras de linguagem ajudam a reproduzir objetivamente o mundo, segundo Proença Filho (1989). O mesmo autor afirma que no texto literário as palavras tornam-se multissignificativas. O significado irá depender da integração das palavras e do contexto no qual estão inseridas. Na literatura o escritor ganha asas e consegue percorrer por lugares impensáveis, pode abusar de repetições, contradições, pode brincar com as palavras e seus significados. É na literatura que o homem consegue se entender e ser quem ele realmente é, sem precisar viver preso apenas no seu mundo exterior.

No próximo tópico será feita uma análise em perspectiva estilística da obra *Singularidades de uma Rapariga Loura*, a fim de perceber como Eça de Queirós define as personagens presentes em sua obra e quais os recursos utilizados por ele para chegar a tal definição.

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

O romance realista e o naturalista (considerado uma evolução do Realismo) surgiu com o intuito de se opor à subjetividade trazida pelo romance romântico, apresentando uma linguagem objetiva que escancarava a realidade da época. Ademais, Moisés (2009) destaca que o realismo em volta das obras de Eça de Queirós finda sendo uma poderosa arma que “promete” transformar a sociedade lisboeta já no fim do século XIX. Destarte, o mesmo autor vem afirmar que os romances realistas proporcionavam às pessoas a

oportunidade de tomar consciência do que realmente acontecia e de tentar encontrar uma solução para aquilo que era considerado um problema.

Em decorrência disso, Eça de Queirós – por intermédio de suas obras – criticava a realidade ao mostrar o que muitas vezes era escondido, como casos de adultério, conflitos familiares e crimes decorrentes do excesso de vaidade (principalmente das mulheres), como mostrado no conto *Singularidades de uma Rapariga Loura*, uma vez que apresenta uma personagem feminina que comete um furto em uma joalheria.

Logo, de forma breve, serão tecidas algumas informações acerca da vida do ilustre Eça de Queirós. Em seguida, será realizada uma breve análise acerca de um dos seus contos realistas, *Singularidades de uma Rapariga Loura*, análise essa que terá como finalidade descobrir como as personagens e o espaço foram descritos na referida obra.

UMA VIAGEM PELA VIDA DE EÇA DE QUEIRÓS

Em 25 de novembro de 1845, na cidade de Póvoa de Varzim (Portugal), nascia o grande nome da Literatura Portuguesa: José Maria de Eça Queirós. Seus pais, Carolina Augusta Pereira de Eça e José Maria Teixeira de Queirós, só se casaram quatro anos após seu nascimento. Dessa forma, o autor passou muito tempo longe de sua família, ficando durante a infância e adolescência com seus avós paternos. Informações como essa fizeram com que Abdala e Paschoalin (1982) acreditassem que há uma analogia entre a biografia e as obras de Eça de Queirós.

Segundo a Fundação Eça de Queirós, em 1855, o autor foi matriculado no Colégio da Lapa, na cidade de Porto, onde concluiu seus estudos obrigatórios até sua inserção na Universidade. Moisés, em seu livro “*A literatura portuguesa*” (2009), investigou sobre alguns aspectos da vida desse grande escritor. Segundo Moisés, em Coimbra, Eça cursa Direito e se junta a uma ruidosa geração acadêmica. Formado, segue para Lisboa com o intuito de advogar.

Conforme Moisés (2009), Queirós liga-se ao grupo do Cenáculo, em 1868, tendo como líder Antero de Quental. Um ano depois, vai para o Egito com o objetivo de fazer uma reportagem sobre a inauguração do Canal Suez, de acordo com o mesmo autor. Ao

retornar (1871), o português envolve-se nas Conferências do Cassino Lisbonense. Logo depois, torna-administrador do Conselho em Leira, período que inspirou Eça a criar a obra *O Crime do Padre Amaro*, em 1875. Aos 41 anos Eça de Queirós casa-se segundo Abdala e Paschoalin (1982), com a filha do Conde de Resende, seu colega de viagem ao Oriente.

Entregue à literatura, em 1878, é inaugurado “*O Primo Basílio*”, obra que é o objeto principal deste trabalho. Além dos que já foram citados, Eça de Queirós também escreveu “*O Mandarin*” (1879), “*A Relíquia*” (1887), “*Os Maias*” (1888), “*A Ilustre Casa de Ramires*” (1900), “*A Correspondência de Fradique Mendes*” (1900), *Singularidades de uma Rapariga Loura* (1874), entre várias outras obras que encantaram e continuam encantando os apaixonados por literatura, jornalismo e hagiografia.

Abdala e Paschoalin (1982, p. 109) vem afirmar que “A obra de José Maria Eça de Queirós é a mais representativa das tensões ideológicas do Realismo em Portugal. É também a mais importante do ponto de vista da elaboração artística”. Havia a necessidade de desmascarar a realidade e quebrar com o sentimentalismo presente no Romantismo. Desse modo, o referido autor explica que “Afirma-se o reformismo sobre o conservadorismo, isto é, o realismo-naturalismo sobre o lirismo neo-romântico” (ABDALA; PASCHOALIN, 1982, p. 111). Em 1871 iniciam as publicações das chamadas Farpas, que, segundo os autores, são crônicas com assuntos da realidade.

Por fim, em 16 de agosto de 1900, morria em Paris – onde passou os últimos anos de sua vida – o ilustre Eça de Queirós, deixando grandiosas obras literárias que foram publicadas aos poucos.

BREVE RESUMO DA OBRA

Em *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, publicado originalmente em 1874, Eça de Queirós traz à tona questões sociais, como o conflito familiar e o fim de um relacionamento, decorrente de um comportamento inapropriado por parte da moça. A obra apresenta uma linguagem acessível, apesar de ser ao mento tempo culta, e alguns recursos linguísticos que fazem com que o leitor assista mentalmente cada acontecimento narrado.

Ao iniciar a leitura do referido conto, nota-se que a história é narrada por um narrador homodiegético, ou seja, que é personagem secundário. No referido conto, o narrador relata confissão de Macário, personagem principal. Inicialmente, o narrador encontra o protagonista numa estalagem do Minho, onde contou parte de sua história de vida.

Macário, um homem de 22 anos, trabalhava no armazém do seu tio Francisco quando conheceu Luísa Vilaça, uma linda jovem loira. O protagonista se apaixonou pela linda moça rapidamente e pouco tempo depois resolveu se casar, mas não obteve a benção do seu tio: “— Não. — Perdão, tio Francisco! — Não. — Mas ouça, tio Francisco... — Não. Macário sentiu uma grande cólera” (QUEIRÓS, 2002, p.40). Como consequência disso, Macário perdeu seu emprego e partiu para Cabo Verde com o intuito de conseguir dinheiro suficiente para fazer seu casamento.

Dessa maneira, Macário, com a ajuda de um amigo com chapéu de palha, conseguiu um emprego e o mesmo amigo pediu ao protagonista que fosse seu fiador de uma grande quantia em dinheiro. Para surpresa de Macário, o simpático homem que lhe ofereceu emprego deu-lhe um golpe e fugiu com todo dinheiro, deixando, assim, o pobre Macário mais uma vez na miséria.

Quando se viu assim, só e pobre, Macário desatou a chorar. Tudo estava perdido, findo, extinto; era necessário recomeçar, pacientemente a vida, voltar às longas misérias de Cabo verde, tornar a tremer a tremer os passados desesperos, suar os antigos suores! (QUEIRÓS, 2002, p.44).

Assim, Desesperado, Macário precisou recomeçar. Após toda essa triste ocorrência, o protagonista andou pelas ruas e avistou sua antiga casa, onde morava com seu tio Francisco. De imediato, lembrou dos velhos tempos, surgindo em si uma vasta saudade. Resolveu, então, bater à porta. Ao entrar e ouvir algumas palavras grosseiras do seu tio, Macário teve uma grande surpresa: seu tio resolveu dar uma nova chance de recomeçar.

Amanhã faz favor de ir para a sua carteira, lá para baixo. Mandei pôr palhinha nova na cadeira. Faz favor de pôr na fatura Macário & Sobrinho. E case. Case, e que lhe preste! Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca e de mobília. E meta na minha conta. A sua cama lá está feita (QUEIRÓS, 2002, p.45).

O casamento aconteceria um mês depois. Luísa começou a organizar seu enxoval e Macário resolveu ir a uma joalheria com sua noiva, escolher o tão esperado anel de compromisso. Ao chegar no local desejado e provar diversos anéis, chegaram a uma escolha: um delicado anel de pequenas pérolas. Entretanto, por ter finos dedos, o anel precisava passar por alguns ajustes para que coubesse no dedo da moça.

Apesar de já ter escolhido o anel, Luísa continuava analisando e provando outros. De repente o caixeiro ficou pálido e passou a olhar fixamente para Macário. Ao falarem que estavam indo embora e que no dia seguinte voltariam para buscar o anel, o funcionário chamou Macário e falou que ele não pagou o anel. Furioso, o protagonista disse que não estava levando o anel, já que só iria buscar no próximo dia, só pagaria quando fosse levar o anel.

Porém, para a surpresa de Macário, o caixeiro não se referia ao anel que iriam pegar no próximo dia, mas sim ao que Luísa havia colocado no seu bolso. Ao perceber que sua noiva havia mesmo pego a joia, Macário pediu desculpas ao funcionário e afirmou ter sido uma mera distração. Assim, pagou-o e saiu. Portanto, apesar de todo amor que dizia sentir pela delicada moça de cabelos loiros, quando andavam pela rua, Macário parou em uma esquina e pediu que Luísa partisse, pois não iria se casar com uma ladra.

O REALISMO EM *SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA*

Neste tópico será destacada a presença do Naturalismo em *Singularidades de uma Rapariga Loura*. Assim, as marcas desse movimento serão comprovadas com trechos do romance, já que suas características foram vistas anteriormente. Nessa ilustre obra Queirosiana, o leitor encontra-se com um drama familiar, falsidade, traição e uma separação amorosa.

O fato de Francisco não aprovar o relacionamento de seu sobrinho Macário com a jovem Luísa justifica o realismo presente na obra, pois esse acontecimento mostra um conflito familiar, próprio das obras realistas. Segundo Moisés (2008), as obras realistas eram usadas como utensílio, como arma de reforma e ação social. Assim, o mesmo autor afirma que “[...] os realistas pregavam a arte compromissada” (p. 230).

Assim sendo, apesar de Francisco não abençoar a união de Macário com Luísa, seu sobrinho decide assumir o compromisso independentemente da aprovação do seu tio. Essa afirmação pode ser comprovada com o seguinte trecho da obra.

«Peço-lhe licença para casar», o tio Francisco, que deitava o açúcar no seu café, ficou calado, remexendo com a colher, devagar, majestoso e terrível: e quando acabou de solver pelo pires, com grande ruído, tirou do pescoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou com a faca o seu palito, meteu-o na boca e saiu: mas à porta da sala parou, e voltando-se para Macário, que estava de pé, junto da mesa, disse secamente:

— Não.

— Perdão, tio Francisco!

— Não.

— Mas ouça, tio Francisco...

— Não.

Macário sentiu uma grande cólera.

— Nesse caso, faça-o sem licença.

(QUEIRÓS, 2002, p. 40)

Outro traço realista presente no conto em análise está relacionado à falsidade do amigo de Macário, ao sumir com todo dinheiro e se aproveitar da ingenuidade do protagonista, que aceitou ser seu fiador. Macário sentia-se muito agradecido por seu amigo ter arrumado um emprego para ele em Cabo Verde. Por esse motivo, se sentiu extremamente feliz em poder ajuda-lo de alguma forma. A falsidade entre amigos é uma característica realista muito comum em obras do Realismo.

O amigo do chapéu de palha é que lhe dera o negócio providencial de Cabo Verde. Faltavam então seis meses para o casamento. Macário já sentia, por vezes, subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperança. Já começava a tratar dos banhos, mas um dia o amigo do chapéu de palha desapareceu com a mulher de um alferes (QUEIRÓS, 2002, p. 43-44).

Além do que foi exposto, Luísa também representa o realismo. A personagem se deixa levar pela vaidade a partir do momento em que rouba um anel com dois brilhantes de uma joalheria. Fatos como esse costumam ser alarmantes e até o surgimento do Realismo não eram expostos de forma tão reveladora em obras literárias. “Essa senhora tirou dali o anel. — Macário ficou imóvel, encarando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente.

— O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se espessamente. — Essa senhora não sei quem é.” (QUEIRÓS, 2002, p. 47).

A DEFINIÇÃO DO HOMEM: ELEMENTOS LINGUÍSTICOS

Como já foi citado neste trabalho, Eça de Queirós adotou uma linguagem culta e acessível em *Singularidades de uma Rapariga Loura*, facilitando, assim, o entendimento desse magnífico conto literário. Destarte, é notório que o autor utilizou alguns elementos linguísticos ao longo de sua obra. O uso de figuras de linguagem e adjetivos auxiliam o autor na busca de definição das personagens e do espaço.

O referido conto apresenta algumas figuras de linguagem que ajudam a enriquecer a linguagem presente no mesmo. Já no início de *Singularidades de uma Rapariga Loura*, o autor fez uso de uma comparação na seguinte passagem: “[...] tão triste, tão visionário, tão idealista — como um velho monge poeta.” (QUEIRÓS, 2002, p. 30). Nesse trecho, percebe-se que a tristeza da personagem está sendo comparada a um velho monge poeta. O mesmo acontece em “[...] e havia no seu perfil uma linha pura, como de uma medalha antiga e os velhos poetas pitorescos ter-lhe-iam chamado — pomba, arminho, neve e ouro.” (QUEIRÓS, 2002, p. 33). Nessa passagem, há a comparação da pureza de Luísa com a de uma medalha antiga.

A elipse é outro recurso muito utilizado nessa obra Queirosiana. Para Rocha Lima (2013), essa figura de linguagem corresponde a termos que não aparecem no enunciado, mas que são facilmente identificados. Observe: “— Vivo lá. Há muitos anos.” (QUEIRÓS, 2002, p. 31). Nesse trecho percebemos que há a omissão de um pronome pessoal (eu), mas este é facilmente identificado. Além da elipse, existe outra figura de linguagem que visa omitir termos na frase.

Enquanto a elipse omite termos que não foram citados anteriormente, mas que podem ser identificados pelo contexto, o zeugma omite termos que já foram mencionados no enunciado. É possível perceber isso no seguinte trecho: “[...] o homem estava de cara de mim, comendo tranquilamente a sua geleia: perguntei-lhe, com a boca cheia, o meu

guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se ele era de Vila Real.” (QUEIRÓS, 2002, p. 31).

Mais adiante, percebe-se a presença de uma catacrese que, segundo Ernani Terra (2011, p. 337) se trata do “[...] emprego de palavras fora do seu significado real; entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que estão empregadas em sentido figurado”. A referida figura de linguagem pode ser notada no seguinte trecho: “[...] espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime” (QUEIRÓS, 2002, p. 33). Contudo, a expressão *costas da cadeira* representa esse recurso linguístico.

Além das já citadas, a personificação também está presente em *Singularidades de uma Rapariga Loura*. Conforme Ernani Terra (2011), essa figura de linguagem atribui a seres inanimados predicados que são próprios de seres animados. Como nos seguintes trechos: “Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras deviam ser mimosas e que se estaria bem vendo o palpitar das borboletas brancas nas madressilvas!” (QUEIRÓS, 2002, p. 33) e “E a noite ia assim correndo, literária, pachorrenta erudita, requintada e toda cheia de musas.” (QUEIRÓS, 2002, p. 37). Sobre o primeiro exemplo, sabe-se que alegre é uma característica de seres animados, e nesse caso foi atribuída ao sol, um ser animado. O mesmo acontece no segundo enunciado, ao afirmar que a noite saiu correndo.

Em seguida, a obra apresenta uma hipérbole, conhecida como a figura do exagero. Observe: “Disse singelamente que daí a cinco dias — «estava louco por ela».” (QUEIRÓS, 2002, p. 34) e “Morriamos de fome.” (QUEIRÓS, 2002, p. 42). Percebe-se, nesses trechos, a presença de termos exagerados, pois Macário não estava literalmente louco por Luísa, mas usou tal expressão para demonstrar o quão apaixonado estava; e não estavam morrendo de fome, no seu sentido literal, mas estavam com muita fome.

Em “e sentando-se ao pé dele, e tornando a chamar-lhe estúpido, tinha uma lágrima a correr-lhe pelo engelhado da pele.”, o autor fez uso do eufemismo, figura de pensamento que tem por objetivo utilizar uma palavra mais leve com o intuito de suavizar a situação. Nesse caso, percebemos que a personagem está chorando, mas essa informação foi passada por intermédio de termos mais leves.

Ademais, o uso de adjetivos ajuda o autor a descrever os elementos da obra de forma minuciosa. A partir do momento em que Eça de Queirós expõe as características das personagens e do espaço, o leitor cria imagens de tudo que está sendo descrito. Esse recurso linguístico é muito comum nas obras realistas, principalmente nas Queirosianas, que utilizam uma gama de detalhes para representar a realidade. Já no início do conto, o protagonista, Macário, tem suas características físicas expostas por meio de adjetivos.

Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão — por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto (QUEIRÓS, 2002, p. 30).

Nesse trecho, pode-se observar que o autor detalha as características físicas descritas de forma muito detalhada, permitindo ao leitor ter uma imagem completa de Macário. Para Silva et al. (2013, p. 210) “A adjetivação é um valioso recurso linguístico que ajuda a evidenciar os fenômenos psicológicos e afetivos da linguagem, revelando os posicionamentos assumidos pelo enunciador”.

Sendo assim, se o autor não tivesse utilizado o adjetivo *pretos* para se referir aos olhos do protagonista, o leitor poderia não ter essa visão da personagem. Dessa forma, era possível que o leitor imaginasse um homem de olhos claros, pretos ou até mesmo castanhos.

Em “era uma rapariga de vinte anos, talvez — fina, fresca, loura como uma vinheta inglesa: a brancura da pele tinha alguma coisa de transparência das velhas porcelanas [...]” (QUEIRÓS, 2002, p. 33), os adjetivos *fina*, *fresca*, *loura* determinam o substantivo *rapariga* pela relação entre as estruturas das duas classes gramaticais. Dessa maneira, os adjetivos citados aparecem com o intuito de caracterizar o substantivo (rapariga). Além do mais, essas três palavras ajudam o leitor a entender quão delicada era Luísa.

Em outro trecho dá para notar a intensidade do choro de Macário, ao se despedir de Luísa antes de ir à Cabo Verde. “Macário rompeu a chorar, os soluços saíam violentos e desesperados.” (QUEIRÓS, 2002, p. 42). Ao fazer uso dos adjetivos *violentos* e *desesperados*,

o leitor percebe que não foi o cair silencioso das lágrimas de Macário, fica claro que foi um choro exaltado, alarmante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desse estudo são identificar os traços do Realismo que se fazem presentes na obra de Eça de Queirós e analisar os recursos estilísticos utilizados pelo autor para descrever os elementos de sua narrativa com riqueza de detalhes. A partir disso, por meio da análise do conto *Singularidades de uma Rapariga Loura* tem, percebemos que o Realismo proporciona meios em que o leitor pode refletir sobre sua realidade, mesmo que o texto tenha sido escrito há anos, pois debate temas que se fazem presentes, de forma direta e indireta, no cotidiano do sujeito-leitor, mostrando, assim, o bem e o mal que há em cada pessoa, desmascarando-as e problematizando-as por meio dos seus personagens e narrativas.

Apesar de o Realismo buscar se opor à subjetividade do Romantismo, as obras Realistas conseguem mexer com os sentimentos de quem as lê, fazendo com que o leitor reflita sobre a vida como um todo e embarque em uma história que até então, em boa parte das vezes, não tinha contato de maneira direta. O uso dos recursos linguísticos analisados e identificados, como a metáfora e o eufemismo, além do uso dos adjetivos, ao permitirem construções mentais altamente subjetivas, consegue levar o leitor para dentro da obra e que se sinta membro da narrativa. Assim, pode-se dizer que *Singularidades de uma Rapariga Loura* é mais uma grandiosa obra que contribuiu para a eternidade de Eça de Queirós e que mostra a riqueza linguística-literária da linguagem.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Júnior, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1982.

CARVALHO, Castelar de. **Mattoso Câmara estilicista**. S.d. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1074.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIRÓS. Adaptado de: MATOS, A.C. (1988). **Dicionário de Eça de Queiroz**. Ed. Caminho. Disponível em: <<http://www.feq.pt/eca-de-queiroz.html>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

GARCIA, Alfrânio da Silva. Principais figuras de linguagem semânticas. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, nº. 4. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estudos de época na literatura**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.

QUEIRÓS, Eça de. **Singularidades de uma rapariga loura**. 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000002.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2018.

RODRIGUES, Inara de Oliveira; SANTOS, Paulo Roberto Alves dos. **Literaturas de língua portuguesa: história, sociedade e cultura**. Ilhéus, BA: Editus, 2012.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VECHI, Carlos Alberto et al. **A literatura portuguesa em perspectiva**. Vol. III. São Paulo: Editora Atlas S.S., 1994.

Recebido em 21 de Abril de 2018

Aceito em 12 de Setembro de 2018